

A MEDIDA DO CORPO NA FILOSOFIA CARTESIANA*

THE MEASURE OF THE BODY IN CARTESIAN PHILOSOPHY

JOÃO CARLOS NEVES DE SOUZA E NUNES DIAS**
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS, BRASIL

Resumo: O artigo trata da medida do corpo no projeto filosófico de René Descartes. No contexto da metafísica cartesiana, tendo como referência a medicina de sua época, evidenciamos elementos em torno da compreensão do *corpo do homem*, quais sejam, a noção de *máthesis* como fundamento explicativo de seu funcionamento, a analogia ao autômato hidráulico e as implicações do primado do pensamento com relação aos sentidos do corpo.

Palavras-Chave: Descartes. Medicina. Corpo. Percepção.

Abstract: The article discusses dimensions that measure the body in the philosophical project of René Descartes. In the context of Cartesian metaphysics, with reference to the medicine of his time, we have evidenced elements around the understanding of the *human body*, namely, the notion of *máthesis* as an explanatory basis for its functioning, the analogy to the hydraulic automaton and the implications of the primacy of thought in relation to the senses of the body.

Keywords: Descartes. Medicine. Body. Perception.

* Artigo recebido em 22/12/2017 e aprovado para publicação pelo Conselho Editorial em 01/06/2018.

** Doutor em Filosofia pela PUC-SP, Brasil. Professor da Universidade Federal de Alagoas, Brasil. Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/0047604119060569>. E-mail: joao.dias@iefe.ufal.br.

1. Sobre o *corpo do homem* em Descartes

O tema do corpo estrutura-se como um momento importante na composição da metafísica elaborada por René Descartes. Para situar com maior precisão essa afirmação, retomamos a imagem proposta pelo próprio filósofo para explicar a forma de organização do conhecimento filosófico. Segundo Descartes, a filosofia tem sua conformação na analogia com a estrutura de uma árvore. Em suas palavras:

toda a filosofia é como uma árvore, cujas raízes são compostas pela metafísica, o tronco pela física e os ramos que saem deste tronco as demais ciências, reduzem-se a três principais, a saber, a medicina, a mecânica e a moral (DESCARTES, 1904, p. 14).

Sustentada pela física e alimentada pela metafísica a compreensão do corpo entremeia-se aos galhos dos conhecimentos que formam a ciência cartesiana, tendo sua referência na mecânica e, mais pontualmente, no campo da medicina. Nessa estrutura arbórea, o corpo tem sua *epistémê* em uma ordem médica e em um arranjo mecânico. A descrição de seu funcionamento vincula-se, ao menos, a duas ordens de compreensão da matéria em sua extensão geométrica, seja como (i) *matéria geral* do mundo físico, ou como (ii) *corpo do homem*. Na primeira ordem, enquanto *matéria geral*, ou substância corpórea, a natureza do corpo é concebida de modo preciso por sua extensão, largura e profundidade, “acrescentemos a isso que essa matéria pode ser dividida em todas as partes e conforme todas as figuras que podemos imaginar” (DESCARTES, 2009, p. 75-77).

Essa matéria corporal, tratada em termos gerais como tudo o que existe fora do pensamento, no mundo exterior, ao sofrer variações em sua grandeza e velocidade no mundo físico, tem como característica a capacidade de se dividir indefinidamente, sem perder sua identidade. Mesmo submetida à operação de divisão em partes menores, a estrutura da matéria permanece caracterizada pela tríade extensão, largura e profundidade. Quer dizer, a garantia de sua estrutura ontológica¹ perdura, sem qualquer prejuízo, para a caracterização dessa substância material, ou ainda, corporal.

¹ “Essa relação depende fortemente de duas substancias independentes e específicas que implicam correlativamente uma união ontológica. Ela é um *ens per se* e esta expressão é fundamental para a compreensão da concepção cartesiana, porque ela designa uma racionalidade transversal própria à união substancial. Ela estrutura a realidade do homem e o intercâmbio entre o corpo e a alma. Ela define a Vida. As paixões e ações da alma cumprem as suas leis, a sua verdade” (MAYZAUD, 2004, p. 179).

Por outro lado, o corpo no sentido do *corpo do homem* comporta, segundo Descartes, certa imprecisão. “Quando falamos do corpo do homem (...) entendemos toda a matéria que está conjuntamente unida à alma de certo homem” (DESCARTES, 1901, p. 166). Nessa carta endereçada a Mesland, o filósofo indica uma particularidade considerável ao tratar da identidade do *corpo do homem*, ressaltando sua união com a alma. A singularidade do *corpo do homem* está no composto que articulam duas substâncias de realidades distintas, a alma e o corpo. O princípio físico da extensão, largura e profundidade não é suficiente para tratar desse vínculo da matéria corporal, ou seja, para descrever de modo preciso, claro e distinto o corpo humano.

No homem, a densidade da substância corporal tem sua distinção na instalação da alma no corpo e na conseqüente interação entre as duas substâncias. Essa união metafísica, da alma ao corpo, é também garantida pela articulação da própria estrutura que compõe o organismo humano, através de sua condição anatômica e fisiológica.

Diferentemente do corpo físico em geral, *matéria geral*, capaz de sofrer ações de divisão indefinida de suas partes sem prejuízo à sua estrutura ontológica, o *corpo do homem* não comporta essa capacidade de desagregação em sua estrutura orgânica, em que pese sua deterioração, ou ainda, no limite, a subtração da saúde e da vida. Ao tratar da existência e do prolongamento da vida pela medicina, o *corpo do homem* tem sua unidade na reunião de seus órgãos e no funcionamento orgânico de suas partes, não podendo, pois, ser dividido indefinidamente, sem colocar em risco sua própria vida.

2. A configuração do corpo pela *máthesis*

É na esteira da compreensão do *corpo do homem* que nos aproximaremos do projeto filosófico de Descartes, tendo como intenção ressaltar elementos em torno da medida do *corpo do homem* delineada pelos fundamentos da medicina cartesiana, ou seja, da descrição do funcionamento do corpo². Descrever o corpo humano em seu funcionamento fisiológico a

² Em um quadro geral, Descartes aborda o corpo, nesses termos, em algumas de suas obras, com ênfase ao longo do tratado *L'Homme* (1632) e na *Description du corps humain* (1648); como em breves passagens ou comentários, por exemplo, na quinta e na sexta parte do *Discours de la Méthode* (1637); na sexta jornada de suas *Méditations* (1641), em passagens dos *Principia philosophia* (1644); e na primeira parte de *Les passions de l'âme* (1649). As datas destacadas em parênteses referem-se ao ano de produção das obras citadas.

partir de sua dimensão anatômica foi um modo pelo qual Descartes recorreu, inclusive, para demonstrar elaborações práticas de sua proposta filosófica.

A ênfase, nesse caso, relaciona-se com um dos aspectos de sua metafísica, qual seja, a realização da medicina em termos mecânicos. Como crítico da filosofia especulativa de tradição escolástica, ao tratar da medicina Descartes pretendeu fundamentá-la em conhecimentos práticos e adequados para a “conservação da saúde, que é sem dúvida o primeiro bem e o fundamento de todos os outros bens desta vida” (DESCARTES, 2010, p. 110).

A busca por fundamentar os conhecimentos médicos em termos práticos, dizia respeito à possibilidade de se utilizar a medicina na esteira de seu método, ou seja, sistematizar, com clareza e distinção, um conhecimento útil à manutenção e prolongamento da vida. Tal motivação pode ser verificada, por exemplo, na preocupação de Descartes quanto ao estado patológico de seu amigo Mersenne. Em carta de janeiro de 1630, escreveu-lhe: “eu vos peço que vos conserveis ao menos até que eu saiba se há um meio de *encontrar uma medicina que seja fundada em demonstrações infalíveis*”³ (DESCARTES, 1904, p. 105-106).

Para o filósofo moderno, a patologia pode causar tanto uma desordem no funcionamento do mecanismo orgânico, pois tal estrutura não pode ser dividida indefinidamente, como também pode provocar distorções no julgamento dos estímulos do mundo exterior⁴.

A compreensão da medicina, ou ainda, do funcionamento do corpo, na filosofia cartesiana tem sua explicação assentada em termos mecânicos e na distinção das funções corporais com relação ao pensamento. O mecanicismo cartesiano tem seu fundamento na compreensão moderna de *physis* em termos físicos, em outras palavras, pela quantificação dos fenômenos da natureza em uma ordem geométrica e em medidas calculáveis. A centralidade da filosofia natural de Descartes está na compreensão da matéria como extensão. A natureza é a “matéria mesma”, extensão, e não uma “deusa” ou “um poder imaginário”. É nessa materialidade, ou seja, na própria extensão, que

inúmeras mudanças em suas partes, as quais, não podendo, parece-me, ser atribuídas propriamente à ação de Deus, porque ela jamais se altera, eu as atribuo à natureza; e as regras segundo as quais se fazem essas mudanças, eu as denomino de “leis da natureza” (DESCARTES, 2009, p. 83).

³ Grifo nosso.

⁴ Em regime cartesiano, a doença “não é somente uma perturbação mecânica, mas a fonte de sensações anormais” (MAYZAUD, 2004, p. 166).

A ordem da natureza tem seus fundamentos na noção de *máthesis*, compreendendo o funcionamento da natureza pelas leis da física e em analogia com o trabalho de uma máquina. Ao balizar o mundo em termos mecânicos, Descartes inclui em sua física geométrica a noção de movimento, causado pelo entrecchoque da materialidade existente. Em regime cartesiano, se o princípio divino criou toda matéria e instaurou seu primeiro movimento, a manutenção desse movimento, por sua vez, dar-se-á pelo choque entre as substâncias materiais, em um movimento permanente e circular⁵. Descartes buscava traduzir a linguagem da natureza pela sintaxe matemática. Para tanto, operava pela simplicidade da geometria para tornar inteligível sua análise. Em *Le monde ou traité de la lumière*, o filósofo articula física e geometria na compreensão inteligível dos fenômenos da natureza por um “modelo da simplicidade”, tendo como referência a clareza e distinção para sua compreensão.

Segundo Descartes, os corpos físicos, considerado desde a *matéria geral* ao *corpo do homem*, são compostos constituídos pela reunião de partículas que possuem uma diversidade de formas e tamanhos e são capazes de se movimentarem ao se chocarem, provocando a agitação dessas partículas, segundo leis criadas por Deus e que permaneceriam as mesmas. As leis da física teriam a capacidade de regular e uniformizar o movimento da matéria, em uma escala de amplitude desde o cosmo, relacionado ao Sol, às estrelas, aos céus, aos planetas e cometas, ao funcionamento fisiológico do organismo, envolvendo o *corpo do homem*.

Nesses termos, o funcionamento de todo o universo físico está assentado em leis invariáveis e permanentes. Estabelecidas pela imutabilidade do princípio divino, tais leis desembaraçam a confusão do caos, instaurando ordem na disposição da matéria. A conservação do princípio divino e a constância das leis traduzidas pelo conhecimento físico e geométrico garantem a perenidade da ação e de seu efeito sobre a matéria no mundo físico.

A inércia e a conservação do movimento são as leis gerais que ordenam a organização dos fenômenos naturais. Ao pretender zelar pela totalidade da matéria, tal princípio mecanicista alcança, por sua vez, a investigação da natureza do corpo humano, ou seja, de suas funções e funcionamento. Essa empresa cartesiana percorre a sistematização do

⁵ Trata-se de um cálculo “deflacionado face à enorme quantidade de variáveis que concorriam para a sua realização no universo aristotélico. A simplicidade que Descartes reivindica, por analogia com a geometria, do movimento dos corpos físicos tem a sua raiz no estabelecimento de leis claras que regem todos os corpos físicos” (OLIVEIRA, 2007-2008, p. 178).

conhecimento anatômico e fisiológico, aliando-se às investigações da medicina moderna gestada e sistematizada a partir do século XVI⁶.

Na argumentação cartesiana, a abordagem do *corpo do homem* em sua equivalência com a máquina foi um modelo de explicação recorrente, possibilitando proceder à analogia entre natureza animada e a inanimada, modulando os fenômenos naturais pela contingência das leis da física, escritas em linguagem matemática. A notação da natureza pelo registro geométrico pretendeu, em última análise, retirar vestígios de magia e do mistério para a compreensão do funcionamento da materialidade corporal do homem.

3. A analogia cartesiana do corpo com a máquina

Partindo da imagem arbórea proposta por Descartes e compreendendo a física, em termos mecânicos, como uma medida para proceder de modo claro e distinto a compreensão dos fenômenos naturais de todo o universo físico, o filósofo considerou a fisiologia como um modo de explicação mecânica da estrutura do *corpo do homem*. Logo, o corpo humano tem, enquanto extensão geométrica, sua estrutura e descrição nas leis da física e na ordem mecânica.

Nesses termos é preciso, ainda, concebermos o movimento, na medida pela qual o corpo é matéria em movimento. Em termos físicos, o movimento ocorre no deslocamento localizado pela agitação das partículas, provocando a mudança de um lugar de referência para outro, considerando a ausência da noção de vazio. Esse movimento local ocorre em linha reta, como caminho mais curto seguido pela natureza, e pode ser representado em linguagem matemática. A natureza do movimento não é

senão esse que é mais fácil de conhecer que as linhas dos geômetras, que faz que os corpos passem de um lugar para o outro e ocupem sucessivamente todos os espaços que há entre eles (DESCARTES, 2009, p. 89).

Em regime cartesiano, o *corpo do homem* pode ser considerado como extensão em movimento, fenômeno resultante da reunião de partículas que quando agitadas movimentam-se mecanicamente de acordo com leis físicas. Partindo dessa compreensão Descartes considerou o *corpo do homem* na analogia com os autômatos mecânicos. Tais

⁶ Por exemplo, a partir das pesquisas realizadas por Andreas Vesalius, em *De Humani Corporis Fabrica* (1543), e por William Harvey, no *Estudo anatômico sobre o movimento do coração e do sangue nos animais* (1628).

mecanismos automoventes, eram amplamente fabricados e bem explicados pela racionalidade científica da época em que Descartes viveu. O domínio científico, a precisão e o modo simplificado do funcionamento desse aparato engenhoso interessaram ao filósofo, visto que poderia ser tomado tanto para a explicação de fenômenos invisíveis, amplificados pela macroestrutura das engrenagens, tornando-os observáveis, bem como para enfatizar as causas no funcionamento da natureza em analogia com o funcionamento da máquina⁷.

Descartes, ao engendrar a natureza, e por consequência o *corpo do homem*, em uma lógica mecanicista⁸, pretendeu fundamentar sua explicação com base na extensão geométrica da matéria, no movimento e no choque entre as partículas, afastando-se de explicações aristotélicas, baseadas em finalidades e no princípio de matéria e forma, como também se distanciando de análises apoiadas em poderes ocultos, divulgadas pela tradição do conhecimento médico e filosófico. A abordagem cartesiana sobre o corpo acentua deslocamentos com relação ao conhecimento da tradição antiga e medieval no que se refere ao corpo e ao movimento. Ao projetar a ciência, vertida em extensão geométrica e fundamentada nas leis da física para explicar da natureza, o pensamento cartesiano reconduziu a *physis*, que passou a ser apreendida como uma grande máquina e o *corpo do homem*, nesses termos, como um autômato hidráulico.

Nesse modelo o corpo humano passou a ser compreendido por relações mecânicas, incluindo o entendimento de que a variação de seu movimento ocorre independente da ação do pensamento. Como no sistema cartesiano não há a presença de poderes ocultos entre as engrenagens da materialidade corporal, seria preciso investigar as causas para explicitar seu funcionamento.

Nesse contexto, é importante ressaltarmos a referência ao dualismo de substâncias proposto por Descartes, dimensão que se articula na composição da argumentação cartesiana sobre o *corpo do homem*. Qual a característica do dualismo de substância em Descartes? A de constituir uma distinção real entre *res cogitans* e *res extensa*. Nesse sentido afirma o filósofo:

⁷ Cf. Donatelli, 2000; Pinheiro, 2012.

⁸ Segundo Donatelli, “os exemplos utilizados por Descartes remetem aos de um engenheiro e arquiteto Salomon de Caus [1576-1626] cujos trabalhos contidos no livro *Les raisons des forces mouvant* (1615) parecem exercer influência sobre ele nos campos da física e da fisiologia. Nesse livro é encontrada uma comparação entre corpo e máquina, além de problemas referentes a jogos e à fabricação de órgãos. Dentre esses problemas (...) o primeiro [número XVII, referente a uma gruta em homenagem à *Órfen*] fornece uma antecipação do homem cartesiano, por meio da descrição do mecanismo hidráulico; o segundo [número XXVII, máquina que representa Netuno e provoca um jato de água ao girar com outras figuras] nos remete à comparação que Descartes estabelece entre o maquinário de uma fonte e o corpo” (2000, p. 53 e 54).

tenho uma ideia clara e distinta de mim mesmo, na medida em que sou apenas uma coisa pensante e inextensa, e que, de outro, tenho uma ideia distinta do corpo, na medida em que é apenas uma coisa extensa e que não pensa (DESCARTES, 2010, p. 193).

Trata-se de uma proposição metafísica que compreende duas realidades distintas para a composição do ser humano, quais sejam, o puro pensamento, relacionado à alma, e a extensão, propriedade do *corpo do homem*. Realidades contrárias, ou ainda, de naturezas opostas, que cumprem funções independentemente uma da outra. Nesses termos, diz respeito à natureza da alma, ou seja, do puro pensamento, a concepção das ideias, estabelecendo as possibilidades do conhecimento verdadeiro.

Ao *corpo do homem* não se vincula o entendimento, quer dizer, o corpo como não-pensamento tem sua natureza fixada na extensão, na figura e no movimento. Não há nada de corporal no pensamento e não há pensamento na extensão. Nessa configuração metafísica, Descartes afirma a prioridade da faculdade do entendimento para a fundamentação do conhecimento seguro e verdadeiro, operada com clareza e distinção. Em termos cartesianos, trata-se da única faculdade capaz de estabelecer a verdade sobre o corpo, ou ainda, a respeito do *ser* da extensão.

A distinção entre pensamento e extensão permite a explicação da estrutura do *corpo do homem*, através do modelo mecânico e diz respeito ao seu funcionamento interno. Se pensamento e extensão são distintos, a explicação fisiológica independe da intervenção da alma, pois o pensamento não interfere no funcionamento do corpo. O *corpo do homem* vincula-se, então, à ordenação dos órgãos na estrutura corporal e ao movimento da matéria, desvinculada da ação da alma.

Em regime de extensão, o movimento ocorre mecanicamente. A explicação do corpo passa a ser de ordem mecânica e não mais relacionada à natureza enquanto *telos*. A fisiologia se configura no prolongamento da física, quer dizer, assentada em termos mecânicos. Como extensão, figura e movimento, o *corpo do homem* passa a ser compreendido e explicado pelo movimento de suas diferentes partes, as quais compõem sua engrenagem.

A despeito de estabelecer as bases da distinção entre as noções de alma e corpo, ao considerar a experiência cotidiana Descartes apresenta uma terceira noção para o entendimento do ser humano, qual seja, a união substancial. Em carta a Regius, em janeiro de 1632, o filósofo atesta que “os seres humanos são feitos de corpo e alma (...) por uma verdadeira união substancial” (DESCARTES, 1897, p. 508). Ao tratar da vida cotidiana,

comum ou habitual, não é possível afirmar a natureza do ser humano na polaridade das substâncias, pensamento e extensão, mas em sua unidade substancial, na união dessas diferentes naturezas.

A união entre a alma e o corpo na concepção do ser humano não anula, para Descartes, a noção de distinção real entre essas duas substâncias, pois, por exemplo, a amputação de um membro corporal ao mesmo tempo em que diminui o raio de ação do corpo, não modifica a natureza da alma⁹. No entanto, a mistura dessas naturezas para a composição do ser humano, evidencia sua união ao tratarmos da vida prática, como, por exemplo, na formação dos sentimentos e sensações. Se, por um lado, o entendimento da união é incompreensível do ponto de vista do método cartesiano, ao exigir clareza e distinção no estabelecimento do conhecimento seguro e verdadeiro, por outro lado, ao tratar dos fenômenos sensíveis, com relação ao mundo exterior, não se pode recusar tal união do ponto de vista dessa experiência de fato.

4. Sentidos do corpo e o primado do pensamento

Ao abordar o sentimento de algumas paixões, Descartes apresenta a relação da alma e do corpo em analogia com a imagem do piloto no interior de sua embarcação. Diferentemente de um piloto que teria a capacidade de observar e avaliar os danos provocados em seu navio, a alma, no registro da vida prática e habitual, sente o que se passa no corpo, quando afetada pelas paixões.

Anuncia-se, dessa forma, o composto corpo e alma, pois o que ocorre no corpo é sentido pela alma. O ser humano afirma-se, portanto, na união da alma com o corpo em sua existência cotidiana, apesar da distinção metafísica. Ao abordar a fisiologia do *corpo do homem* em seu tratado *L'Homme*, Descartes já apontava para essa relação de composição entre corpo e alma na vida prática, evidenciando que uma distensão ou ruptura de parte da materialidade do corpo, como a perda de um membro corporal, provoca, na alma, o sentimento de dor. Em suas palavras, para que:

a estrutura de toda a máquina se torne de alguma maneira menos completa, o movimento que eles causarão no cérebro dará a ocasião à alma, à qual

⁹ Descartes menciona a amputação dos membros em algumas passagens de suas obras aludindo ao engano dos sentidos, como, por exemplo, em sua sexta meditação, ao reportar a pessoas que tiveram os braços ou as pernas cortadas.

importa que o lugar de sua permanência se conserve, de ter o sentimento da dor (DESCARTES, 2009, p. 298-299).

Ao abordar o sentimento da dor, Descartes anuncia que as paixões são mediadoras e dependentes dessa união substancial, pois, se por um lado são percebidas pela alma, por outro lado, sua origem é corporal¹⁰. A mistura da alma e do corpo evidencia a relação de um processo orgânico, como é o caso, por exemplo, da paixão, que acomete o pensamento. Conclui o filósofo:

Pois, se assim não fosse, quando meu corpo é ferido, não sentiria por isso dor alguma, eu que não sou senão uma coisa pensante, e apenas perceberia esse ferimento pelo entendimento, como um piloto percebe pela vista se algo se rompe em seu navio; e quando meu corpo tem necessidade de beber ou de comer, simplesmente perceberia isto mesmo, sem disso ser advertido por sentimentos confusos de fome e de sede. Pois, com efeito, todos esses sentimentos de fome, de sede, de dor, etc., nada são exceto maneiras confusas de pensar que provêm e dependem da *união* e como que da *mistura* do espírito e do corpo¹¹ (DESCARTES, 2010, p. 196).

A percepção de uma paixão pela alma anuncia por um lado a união substancial e por outro a compreensão física do *sentir*. Na proposta de geometrização do corpo em Descartes, a percepção é, também, racionalizada. Perceber passa a ser considerado pelo filósofo como um atributo da alma. Sentir equivale, nesses termos, ao pensamento. Percepção e sensação são, em última análise, um ato da consciência. De acordo com Descartes:

sou o mesmo que sente, isto é, que recebe e conhece as coisas como que pelos órgãos dos sentidos, posto que, com efeito, vejo a luz, ouço o ruído, sinto o calor (...); e é propriamente aquilo que em mim se chama sentir (...), nada é senão pensar (DESCARTES, 2010, p. 146).

A luz, o ruído e o calor são dimensões físicas e ao serem percebidas e conduzidas pelo julgamento, notadamente, com clareza e distinção, podem levar ao conhecimento e à significação dos objetos exteriores. Somos, em regime cartesiano, afetados por objetos exteriores que estimulam, por suas dimensões físicas, nossa materialidade corporal, as quais se ligarão à alma, para o estabelecimento de um julgamento. O corpo do homem ao ser estimulado por objetos exteriores teria a capacidade de afetar a alma.

¹⁰ Cf. Pinheiro, 2012.

¹¹ Grifo nosso.

Nessa relação, a verdade sobre o mundo é constituída pela potência do *cogito*, ou ainda, pelo primado do pensamento. Ver, ouvir e sentir são atividades perceptivas, no sentido cartesiano do termo, uma ação do pensamento sobre o mundo exterior. Percebe-se não pelo corpo, mas pela capacidade de clareza e distinção do pensamento.

Nesse sentido, é significativo não perder de vista que mesmo o reconhecimento do outro tem sua inspeção perceptiva no ato de pensar. Ao olhar homens na rua através de sua janela, Descartes supera a dúvida do sentido da visão pela capacidade de julgar. Em suas palavras: “compreendo somente pelo *poder de julgar* que reside em meu espírito, aquilo que acreditava ver com meus olhos”¹² (DESCARTES, 2010, p. 148-149). Nesses termos, ver, ouvir, cheirar e tocar são percepções na medida em que estão relacionadas à atividade intelectual do *cogito*. Perceber é pensar, ou ainda, uma operação do pensamento.

¹² Grifo nosso.

Referências

- DESCARTES, René. **Oeuvres de Descartes**. Correspondance I: avril 1622 – février 1638. ADAM et TANNERY (Ed.). Paris: Léopold CERF, 1897.
- DESCARTES, René. **Oeuvres de Descartes**. Correspondance IV: juillet 1643 – avril 1647. ADAM et TANNERY (Ed.). Paris: Léopold CERF, 1901.
- DESCARTES, René. **Oeuvres de Descartes**. IX. Meditations et Principes. ADAM et TANNERY (Ed.). Paris: Léopold CERF, 1904.
- DESCARTES, René. **O mundo ou o tratado da luz e O Homem**. Campinas, Editora da Unicamp, 2009. Tradução: César Augusto Battisti e Marisa Carneiro de Oliveira Franco Donatelli.
- DESCARTES, René. Discurso do método. In: GUINSBURG, J.; ROMANO, Roberto; CUNHA, Newton (orgs). **Descartes: obras escolhidas**. São Paulo: Perspectiva, 2010. Tradução: J. Guinsburg, Bento Prado Jr, Newton Cunha e Gita K. Guinsburg.
- DESCARTES, René. Meditações. In: GUINSBURG, J.; ROMANO, Roberto; CUNHA, Newton (orgs). **Descartes: obras escolhidas**. São Paulo: Perspectiva, 2010. Tradução: J. Guinsburg, Bento Prado Jr, Newton Cunha e Gita K. Guinsburg.
- DONATELLI, Marisa Carneiro de Oliveira Franco. **Da máquina corpórea ao corpo sensível: a medicina em Descartes**. Tese (Doutorado em Filosofia). Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade de São Paulo, 2000.
- MAYZAUD, Yves. **Le sujet géométrique ou pour une solution de l'union de l'âme et du corps dans la philosophie de R. Descartes**. Paris: L'Harmattan, 2004.
- OLIVEIRA, Érico Andrade M. Notas sobre o conceito de movimento no *Le monde* e nos *Principes de la philosophie*. In: **Perspectiva Filosófica**, vol. II, nº 28 e 29, 2007 e 2008, pp. 170-193. Disponível em <https://www.ufpe.br/ppgfilosofia/images/pdf/notas_obremovimento_erico.pdf>. Acesso em 10 de novembro de 2017.
- PINHEIRO, Juliana da Silveira. **Anatomia das paixões: a concepção somatopíquica de Descartes e sua relação com a medicina**. Tese (Doutorado em Filosofia). Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais, 2012.

Universidade Católica de Petrópolis
Centro de Teologia e Humanidades
Rua Benjamin Constant, 213 – Centro – Petrópolis
Tel: (24) 2244-4000
synesis@ucp.br
<http://seer.ucp.br/seer/index.php?journal=synesis>



DIAS, João. A medida do corpo na filosofia cartesiana. **Synesis**, v. 10, n. 1, p. 111-123, ago. 2018. ISSN 1984-6754. Disponível em: <http://seer.ucp.br/seer/index.php/synesis/article/view/1412> . Acesso em: 06 Ago. 2018.
